

Cultura e comunicação, mercadorias para o consumo da sociedade espetacular

Maria Telma Vieira de Oliveira Mondoni

Cultura, comunicação e espetáculo, publicado em novembro de 2016 pela Editora Paulus, tem como referência principal o livro *A sociedade do espetáculo*, escrito em 1967 pelo pensador francês Guy Debord (1931-1994). A obra coroa o meio século da ainda atual e contundente crítica de Debord à sociedade contemporânea e fomenta a reflexão sobre os comportamentos e valores que norteiam vários aspectos da vida social.

Marx registrou em *O capital*, na segunda metade do século XIX, que a humanidade havia optado pelo *ter* no lugar do *ser*, indicando que a sociedade mercantilista caminhava em sentido contrário aos princípios fundamentais que poderiam servir como guia para uma vida mais próxima ao exercício da cidadania e da solidariedade. Em *A sociedade do espetáculo*, Debord extrapolou a tese de Marx ao afirmar que, na fase atual, a vida social leva a um deslizamento generalizado do *ter* para o *parecer* (1997). E é justamente com base neste olhar inquiridor de Debord, em diálogo com outros grandes pensadores das idiossincrasias sociais, que os nove capítulos de *Cultura, comunicação e espetáculo* são desenvolvidos.

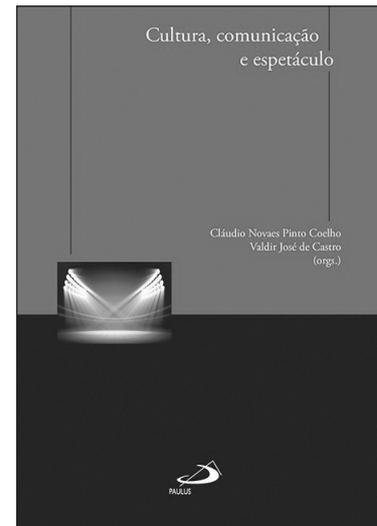
O objetivo dos autores foi apresentar análises focadas nas relações entre a cultura e a comunicação dentro do contexto da *sociedade do espetáculo*; expressão cunhada por Debord para designar a sociedade capitalista contemporânea.

A obra é organizada por Cláudio Novaes Pinto Coelho, um dos principais especialistas brasileiros em Guy Debord, e Valdir José de Castro. Entre os temas constam alguns que foram abertos para a discussão do público participante do III Seminário de Comunicação e Cultura na Sociedade do Espetáculo,

Cultura, comunicação e espetáculo

Cláudio Novaes
Pinto Coelho e
Valdir José de
Castro (Orgs.)

São Paulo: Paulus,
2016, 200 p.



promovido pelo Grupo de Pesquisa Comunicação e Sociedade do Espetáculo, da Faculdade Cásper Líbero, em 2015.

Vários aspectos da sociedade capitalista estão retratados nas três partes que compõem a obra, o que a torna uma referência para aqueles que desejam debutar no pensamento debordiano e em sua crítica sobre a ilimitada predominância mercantil dentro dos diversos aspectos da vida social contemporânea. Aos já iniciados, cabe dizer que *Cultura, comunicação e espetáculo* não decepciona, pois traz elementos capazes de aprofundar o debate sobre a inversão de valores verificada no cotidiano da sociedade capitalista ocidental.

O livro é apresentado por Coelho, e inicia-se com artigo de Castro sobre a incorporação das tecnologias digitais às práticas comuns do nosso dia a dia, dentro da perspectiva da nova cultura do espetáculo proporcionada pelo tecnocapitalismo.

Jaime Patias inaugura os capítulos com texto sobre algumas ações empreendidas com a participação popular e fora do circuito comercial. Um dos exemplos é a Rádio

Comunitária Cantareira, mantida no ar com a atuação voluntária dos moradores da região da Brasilândia, Zona Norte da capital paulista.

Márcia Elaine Rosa e Juliana Andrea Vieira dos Santos falam sobre a Cooperifa que, apesar dos percalços comuns aos projetos culturais que vão na contramão do sistema capitalista vigente, proporciona oportunidade gratuita a todos os cidadãos que desejam se expressar por meio da poesia. Os saraus literários realizados pela entidade, na Zona Sul de São Paulo, provam que a poesia é linguagem universal e está ao alcance de todos.

Na segunda parte, Adriana Sá Moreira discorre sobre o “Projeto Educacional Sesi-SP em Teatro Musical”. Moreira fala sobre a vocação dos projetos culturais de cunho educacional da entidade e as suas consequências para a sociedade paulista. A autora mostra a emblemática preferência de investimento do Sesi-SP nos profissionais legitimados pela mídia, e pelo público, e questiona se esse tipo de aporte de fato contribuí com a inclusão social e com a formação de plateia em projetos culturais.

Ainda dentro da vertente teatral, Gerson da Silva Esteves apresenta pesquisa sob o título “A Broadway Não É Aqui”, por meio da qual traça a trajetória do “autêntico” teatro musical brasileiro e a sua atual antropofagiação pelos musicais norte-americanos do circuito da Broadway.

Já Antonio Luiz Gonçalves Júnior encerra esta segunda divisão do livro com diagnóstico sobre a luta diária travada pela arte que insiste em resistir aos processos hegemônicos da cultura do espetáculo. Por intermédio da experiência da peça *Bom Retiro 958 metros*, realizada pelo Teatro da Vertigem, Antonio apresenta, entre outras particularidades, a proposta do grupo sobre o uso da *Deriva*; prática inspirada no movimento Internacional Situacionista, do qual Debord foi um dos idealizadores.

A última parte do livro é dedicada aos movimentos sociais urbanos e à cultura do espetáculo. Inicia-se com o capítulo de Eliana Natividade sobre a atuação da mídia alternativa, neste caso a Mídia Ninja, durante os protestos contra o aumento das tarifas do

transporte público em São Paulo, em junho de 2013. Entre diferentes aspectos, Eliana discorre sobre aqueles que referendaram a Mídia Ninja como uma opção ao olhar mercantil e homogeneizado da grande imprensa na cobertura dos acontecimentos.

Outro ponto de resistência à lógica capitalista na contemporaneidade merece destaque no trabalho de Mara Ferreira. Em “Para além do espetáculo” e do “povo na rua”, Rovida apresenta duas experiências voluntárias e gratuitas desenvolvidas por médicos e advogados no atendimento dos participantes dos protestos de 2013. Os dois grupos profissionais se organizaram na prestação de socorro aos feridos pelos excessos policiais, e na defesa daqueles que foram levados presos durante as mobilizações, respectivamente.

O último capítulo, de Ethel Shiraishi Pereira, é dedicado às mobilizações instantâneas ocorridas, geralmente, em locais públicos de grandes cidades. Ethel analisa a dinâmica de funcionamento dos *flashmobs* segundo a ótica do espetáculo. As ações estudadas são promovidas por empresas globais com o propósito principal de tornar seus produtos/marcas cada vez mais conhecidos e consumidos. A autora fundamenta sua pesquisa no conceito de cidade-espetáculo e na crítica feita pelos situacionistas sobre o modelo de urbanismo adotado na modernidade.

Debord é conhecido pela sua postura crítica. Não acreditava na possibilidade da sociedade capitalista contemporânea valorizar a solidariedade e a cidadania. Entretanto, muitas das práticas elencadas em *Cultura, comunicação e espetáculo* ainda são capazes de acender uma chama de esperança. Sinalizam que nem tudo está perdido para a profusão de imagens advinda do espetáculo fabricado pelo capitalismo vigente.

Maria Telma Vieira de Oliveira Mondoni é graduada em jornalismo pelas Faculdades Integradas Alcântara Machado (FIAM), especialista em Teoria da Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero e mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero.

E-mail: telmamondoni@yahoo.com.br